



O SAL DA PALAVRA

AUGUSTO LA FERE

Ars Verbi

O SAL DA PALAVRA

AUGUSTO LA FERE

O SAL DA PALAVRA

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2025

Créditos

O Sal da Palavra

© 2016 Augusto La Fere

Publicado por *Ars Verbi*™

Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital

ISBN: 978-65-988749-8-8

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0).

Você pode compartilhar e adaptar esta obra, desde que:

- Atribua o crédito ao autor (Augusto La Fere);
- Não a utilize para fins comerciais;
- Publique obras derivadas sob a mesma licença.

Para mais detalhes, visite: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

DEDICATIO

Aos poucos
que ainda leem
como se estivessem
escavando um verso
com as mãos nuas —

este livro é vosso campo.

Lavrado não para convencer,
mas para resistir.

Não exige leitura imediata,
mas atenção ao sal
que ficou na dobra do gesto.

“Há palavras que nasceram no sal
e outras que só sabem do gosto.”

— *Milton Nascimento*

SUMÁRIO

INVOCATIO.....	1
LAVRA.....	2
FERIDA.....	17
ALIANÇA.....	38
FOME.....	59
VIGÍLIA.....	79
SEDE.....	95
FALHA.....	108
RITO.....	120
RESTO.....	132
DEPOSITIO.....	144

INVOCATIO

Não se acende o verbo sem antes lavrar o chão.
Aqui, não há explicação — há matéria.
Matéria que fermenta no escuro,
e guarda em sua espessura o susto, o rastro, a sede.

Diz-se “sal”, mas o que se quer dizer é corpo.
Diz-se “palavra”, mas o que se quer dizer é risco.
Cada letra aqui pesa como mineral recolhido com a unha.
Cada pausa, como um pacto feito sem testemunhas.

Não se entra nesse livro com a pressa de quem folheia.
É preciso boca seca,
ouvido atento ao ruído do silêncio entre os nomes.
Quem quiser passar por estas páginas
precisará provar.

Pois este livro não foi escrito:
foi deixado
como se deixa o sal —
para queimar o que apodrece,
para conservar o que resiste,
para lembrar
que o verbo ainda tem gosto.

LAVRA

I

Não é verso.
É a primeira ferida
que aceitou um nome.

Não veio da mente,
nem do tempo.
Veio do atrito
entre a fome do braço
e a recusa do chão.

A palavra não caiu do céu.
Veio debaixo.
Do lodo.
Do casco batido.
Do sal que se forma
quando o suor seca.

Cada sílaba foi puxada
como raiz que resiste.
Rangendo.
Trazendo terra nas unhas,
sangue no dorso,
e algo que ainda não é —
mas quer ser dito.

Lavrar não é escrever.
É repetir um gesto bruto
até que a pedra consinta.
E quando consente,
não canta:
cede.
E esse ceder é o início.

Se houver beleza,
ela virá suja.
Se houver canto,
será o som do que permanece
quando nada mais canta.

II

A primeira linha não abriu.
Deixou apenas um risco.

O resto era pedra.
Era espera.
Era coisa sem nome.

Veio o segundo golpe.
Mais baixo.
Mais fundo.
Com menos fé —
mas mais peso.

A palavra chegou dura.
Sem música.
Sem brilho.
Com gosto de ferrugem
e cheiro de coisa gasta demais.

Lavar é isso:
voltar ao mesmo ponto
e repetir o gesto.
Não por esperança,
mas porque algo dentro
ainda quer sair.

III

Agora o braço já sabe.
Não pergunta.
Não hesita.
Só repete.

Não por certeza,
mas porque o gesto
entrou na carne
como o frio entra:
sem aviso,
sem pressa,
sem volta.

A pedra também mudou.
Já não repele.
Mas não entrega.
Só suporta.

Entre o golpe e o som,
há um intervalo
onde tudo se suspende.

É ali que a palavra mora —
não no que se diz,
mas no que persiste
depois que já foi dito.

IV

Algo cedeu.
Não tudo —
mas o bastante
para um som novo
se esconder na pedra.

Veio com demora.
Com poeira.
Com gosto de coisa enterrada demais.

Não era ouro.
Nem segredo.
Era só um fragmento qualquer
que durou tempo demais
e, por isso, merecia ser ouvido.

O braço sentiu.
O dorso curvou mais fundo.
A enxada parou —
como se o silêncio pedisse.

Não há pressa no que se revela.
Só matéria que consente
e um gesto
que não exige.

V

Nem toda pedra responde.
Algumas apenas suportam o golpe —
sem devolver som,
sem rachar,
sem dizer.

O corpo aprende isso
não com o tempo,
mas com o cansaço:
há durezas que não recusam —
apenas se calam de outro jeito.

A enxada continua.
Não por esperança,
mas porque parar
também pesa.

Na matéria que não se entrega,
ainda existe vínculo:
o esforço partilhado
com o que não se parte.

Lavar também é saber
o que não virá.

VI

Ainda há golpe —
mas sem urgência.
Ainda há pedra —
mas sem ameaça.

O braço conhece o peso.
O punho já moldou
a pegada da lâmina.

A terra não diz,
mas permite.

O gesto segue.
Não por hábito.
Nem por fé.
Por vínculo.

O corpo não pede resposta.
Pede continuidade.

E a palavra, agora,
não quer sentido —
quer sustento.

O gesto, então,
deixou de buscar resposta
e passou a cavar tempo.

O braço segue.
Mais baixo.
Mais rente ao chão.
Não busca abertura —
firma a linha
que o peso ensina.

VII

O braço segue.
Mais baixo.
Mais rente ao chão.
Já não busca abertura —
firma a linha
que o peso ensinou.

A pedra, agora,
nem cede nem repele.
Apenas conserva
a marca de um gesto
repetido sem promessa.

Não se lavra por sentido.
Nem por ganho.
Lavra-se
porque o corpo, uma vez curvado,
aprende a durar.

E o que se forma
não responde —
mas vibra,
como se ainda houvesse
um resto de mundo
por dentro da pedra.

VIII

Com o tempo,
foi o corpo que mudou.
Não a pedra.

O braço já não pesa.
É o peso que agora
faz parte dele.

A pele endureceu nos pontos certos.
Os calos aprenderam
o nome da enxada.

E o silêncio —
aquele, bruto, da terra —
já não soava como recusa,
mas como resposta lenta.

Lavar, agora,
não é insistir.
É corresponder.

O gesto não corta a pedra:
acompanha sua demora.
E a demora do mundo
virou a medida do corpo.

Já não se escreve.

Nem se exige.

Nem se busca.

A palavra que vem

depois de tanto lavar

não quer abrir caminho.

Quer marcar o que ficou.

IX

Agora,
o chão reconhece o passo.
O gesto não rasga —
acompanha.

A enxada toca
como quem saúda.
E a terra,
sem abrir demais,
cede o possível
a quem soube esperar.

A palavra,
que antes era risco,
virou sulco.
Não para semear —
para lembrar.

O corpo já não exige sentido.
Quer apenas
que o que foi dito
não se apague.

Porque lavrar, no fim,
é isso:
deixar no mundo
uma marca justa
do que o corpo suportou.

INTERSTÍCIO I

A Primeira Ardência

Depois do gesto,
o braço tremeu.

Não por esforço —
mas por algo
que ficou dentro demais.

Era um calor estranho,
sem nome,
sem ponto.

Só o corpo soube
que lavar
deixava mais
do que palavra.

INTERSTÍCIO II

No Interior da Pedra

O verbo abriu caminho.
Mas o que ficou
não foi o som.

Foi um resto de coisa
que se move no escuro
depois do gesto.

A terra não falou.
Mas a pele ouviu
algo que não se desfaz
com o silêncio.

FERIDA

I

Não foi corte.
Foi um calor sem nome
que se instalou por dentro
depois do verbo —
e ficou.

A pele sentiu,
mas não soube dizer.
Veio um ardor entranhado
que não queima por fora,
mas pulsa devagar —
como sal em carne aberta
antes mesmo do verbo tocar.

O que a palavra deixou
não foi resposta,
foi marca:
uma dor quieta,
sem sinal,
que atravessa o dia
sem precisar sangrar.

E cada vez que a boca tenta seguir,
a ferida lembra —
não como lembrança,
mas como presença
que queima por dentro da voz.

O corpo anda,
mas leva junto, na dobra,
um fio de verbo
que nunca se alinhou
com o que se queria dizer.

E mesmo quando cala,
há um lugar que arde baixo —
como se todo dizer
viesse costurado a um ponto
que nunca fechou direito.

II

Ela não pulsa como dor aguda.
Não chega de repente.
Nem estoura.
Apenas fica.
No mesmo lugar.
Na mesma temperatura.
Todos os dias.

É uma ardência constante,
tão discreta que parece ausente —
até que uma palavra errada,
um toque mais fundo,
ou um descuido
a revele inteira,
sem alterar o rosto.

O corpo já não rejeita.
Aprendeu a caminhar com ela,
a moldar o gesto
em torno do que queima.

Não se trata de suportar —
mas de andar
sabendo onde dói.

O verbo também mudou.
Já não quer nomear.
Só estar ali,
como luz fraca
acompanhando o que o corpo guarda.

E até o silêncio,
quando vem,
vem com cuidado —
como quem sabe
que há um ponto no fundo da respiração
que ainda arde.

III

A dor que dura
não faz barulho.
Ela se acomoda embaixo das frases,
no modo como a respiração hesita
quando a palavra vem.

Não se mostra.
Mas está em tudo:
no gesto contido,
no olhar que evita,
no corpo que se retrai
antes do toque —
como quem espera
o ponto exato da ruptura.

Quem vê de fora,
vê silêncio.
Mas quem vive de dentro
sabe do som que pulsa
no centro do peito —
um ruído baixo
que nunca desliga,
mesmo quando a boca sorri.

É como andar com a roupa molhada:
ninguém percebe,
mas o peso está ali
em cada movimento —
memória colada à pele.

O verbo, agora,
não tenta nomear.
Arrasta-se entre os gestos,
acompanha a respiração falha,
abre espaço
para que a dor também respire.

Às vezes, o silêncio é só pausa.
Outras vezes,
é tudo o que se pode dizer
sem que o corpo traia
o que ainda arde.

IV

Há dores que mudam o tempo.
Fazem o dia andar diferente —
como se cada gesto
precisasse contornar
uma presença invisível.

A ferida não cresce.
Nem diminui.
Mas tudo em volta
aprende a existir com ela.

A fala vem mais devagar,
como quem mede o passo
antes de pisar.

O silêncio pesa mais.
Guarda o que se quis dizer
mas arderia demais.

O corpo não se impõe.
Acomoda-se.
Escolhe com cuidado
onde apoiar o verbo —
como se qualquer palavra mal posta
pudesse tocar o ponto errado.

E até os olhos,
quando param,
ficam longos demais.
Não porque buscam —
mas porque descansam
num lugar onde a dor
não alcança tão rápido.

Nada mudou por fora.
Mas há algo na pele,
no ritmo,
na ausência de pressa —
algo que diz,
sem dizer,
que a ferida ainda está ali.
Presente.
E respeitada.

V

A dor não impede o olhar.
Mas muda o que se vê.

As coisas ganham contorno mais denso —
como se tudo carregasse
um silêncio a mais
do que mostra.

A palavra, quando vem,
não é leve.
Traz o peso do que foi dito antes,
do que ardeu
sem fazer ruído.

Não se fala por acaso.
Nem se responde por reflexo.
Cada verbo passa pela carne,
como quem pergunta:
isso fere onde?

A escuta também mudou.
Ficou mais funda.
Mais demorada.
Como quem sabe
que o que vem do outro
pode tocar o que ainda dói.

E o corpo,
ainda que se mova,
não esquece.
Traz na respiração
e no modo de parar diante do mundo
a memória do que ardeu —
e ficou.

Como brasas sob cinza fina,
a dor acende devagar
o fundo do olhar.

VI

Há dias em que a dor parece menor.
Não porque passou —
mas porque o mundo distrai.
A rotina se impõe,
as tarefas seguem,
os encontros se repetem.

Mas basta um tom errado,
um toque fora de hora,
um silêncio que dura demais —
e ela reaparece.
Inteira.
Com a mesma precisão de sempre.

A ferida sabe esperar.
Não grita.
Acompanha.
Fica ali —
como sombra colada à luz,
lembrança viva
do que o corpo não resolveu.

Mesmo no convívio,
ela molda a presença:
o modo de escolher as palavras,
de medir a respiração,
de sair um pouco antes
do fim da frase.

E quem vê de fora,
vê normalidade.
Mas quem vive por dentro
sabe:
há um ponto sensível
sempre em alerta —
como se qualquer gesto leve
pudesse ser invasão.

Há convivência, sim.
Mas é medida.
Tensa.
Como quem senta à mesa
e protege, sem dizer,
o lado ferido do corpo.

VII

Ela não saiu.
Mas também não cresceu.
Ficou.
No mesmo ponto.
Com a mesma temperatura.
Como se soubesse
até onde o corpo aguenta.

Já não se impõe.
Mas está em tudo:
no passo que evita ruído,
na palavra que demora,
no gesto que hesita
por um instante.

A dor aprendeu o corpo.
E o corpo, por fim,
passou a andar com ela —
sem pressa,
sem defesa,
sem anúncio.

Agora,
cada coisa que se diz
passa por esse lugar calado —
um ponto fundo
onde o verbo ainda aquece,
mesmo depois de esquecido.

Não se trata de lembrar.
É saber que está ali.
E por estar,
tudo o que se move
leva junto o cuidado.

Nada se fecha.
Nada se resolve.
Mas há um ritmo novo no corpo —
feito do que permaneceu.

VIII

A dor ensinou
a escutar o outro
de outro jeito.

Agora, quando a palavra vem torta,
ou o gesto falha,
ou o silêncio pesa mais que devia —
o corpo não reage.
Acolhe.

Porque sabe:
há feridas escondidas
que não aparecem no tom de voz,
nem no rosto limpo,
nem na frase exata.

O corpo que conheceu o corte
aprende a ler o que não foi dito —
no desvio do olhar,
na demora da resposta,
no cuidado em não tocar.

E não se trata de consolar.
Nem de consertar.
Só de estar
sem invadir.
De ser presença
que não exige cura,
mas reconhece a dor alheia
porque conhece a própria.

IX

A ferida não saiu.
Mas também já não arde
como antes.

Agora,
ela pulsa mais baixo —
como dobra discreta
entre o gesto e o mundo.

Está no modo
como o corpo mede a voz,
evita o excesso,
respira antes de responder.

Está na palavra
que pausa no meio da frase —
não por esquecimento,
mas por respeito
ao que não cabe dizer.

A ferida ensinou
o silêncio que não cala —
só deixa espaço
para que o outro caiba inteiro.

E isso basta.

Porque há dores que,
quando permanecem,
ensinam mais
do que ferem.

INTERSTÍCIO I

Escuta Baixa

A dor tornou a escuta
mais funda.

Agora o corpo espera —
com menos pressa
e mais cuidado.

Não quer saber.
Quer reconhecer.

Como quem aprende
que toda presença
carrega uma ausência calada.

INTERSTÍCIO II

No Contorno da Dor

O corpo já não defende.
Mede.

A palavra não se lança.
Circunda.

O toque não invade.
Oferece borda.

E a aliança, se vier,
terá de caber inteira
num gesto sem pressão.

ALIANÇA

I

O outro não chegou como gesto.
Veio como presença
que não apressa,
nem evita.

Ficou ali —
próximo o bastante
para escutar o silêncio
sem tentar quebrá-lo.

E isso bastou:
não tocar a dor,
mas reconhecer o espaço
em torno dela.

O corpo estranhou no início.
Estava acostumado
a se proteger
até do que era bom.

Mas com o tempo,
o peso da companhia
deixou de ser ameaça
e virou abrigo.

Não cura.

Não salva.

Só fica.

Entre a palavra que arde
e o gesto que falta,
há um campo
onde dois corpos respiram
com o mesmo cuidado.

É ali que começa a aliança:
no silêncio que aceita,
na espera que não exige,
no gesto que não toca,
mas não se afasta.

II

A palavra demorou.
Não por medo —
mas por cuidado.

Era preciso saber
se o que havia entre os dois
aguentava som.

Se o silêncio que unia
era abrigo
ou muro.

Então ela veio devagar,
com o peso exato —
como quem atravessa o chão do outro
sem marcar demais o barro.

Do outro lado,
não houve recuo.
A escuta ficou inteira.
Sem pressa.
Sem defesa.
Como quem sabe
que há palavras que ardem,
mas não ferem
se forem ditas de verdade.

Foi só uma frase.
Quase sem importância.
Mas o que se constrói entre dois corpos
começa assim:
com o gesto menor,
dito no tempo certo,
e recebido
sem desvio.

III

Não foi grande o gesto.
Mas durou.
O tempo exato
para que o corpo sentisse:
não era acaso.

Uma mão estendeu um copo.
Sem palavra.
Sem urgência.
Apenas ali —
aberta
entre o silêncio e o cuidado.

O outro hesitou.
Não por desconfiança,
mas por susto.
Fazia tempo
que nada se oferecia
sem cobrança escondida.

A mão ficou.
Não forçou.
Esperou —
como quem conhece
o tempo do outro
e o peso da recusa.

Então, devagar,
os dedos tocaram o copo.
Só isso.

Mas o mundo mudou de peso
naquele instante.

Porque havia entre os dois
um pacto não dito:
ninguém quebraria o silêncio com pressa.
Ninguém atravessaria a dor
com palavras secas.

E o que começou ali
não foi promessa.
Nem amizade.
Foi vigília:
duas presenças
decididas a não deixar
o outro cair.

IV

Houve um dia em que o outro hesitou.
Chegou mais tarde.
Não olhou nos olhos.
Sentou-se sem dizer palavra.

O corpo sentiu antes da mente:
um fio de silêncio
mais áspero que o habitual.
Uma pausa a mais
entre o gesto e o cuidado.

Nada que quebrasse.
Mas algo tremeu por dentro —
como se o chão
onde o vínculo repousava
cedesse por um segundo
sob o peso do não dito.

Talvez fosse cansaço.
Ou distração.
Ou apenas uma dor
que não coube no encontro.

Mas o corpo que espera
nunca tem certeza.
E a dúvida, quando entra,
não precisa gritar.
Ela se instala devagar —
como poeira fina
que encobre o que era claro.

Naquela noite,
nenhuma palavra foi dita.
Mas a mão demorou a estender o copo.
O olhar buscou resposta
e encontrou chão.

O pacto não se rompeu.
Mas agora se sabia:
até o silêncio pode doer
se não vier com o gesto.

V

Depois do risco,
veio o silêncio certo.
Não o que fere —
mas o que respeita
o espaço de quem quase se foi.

O vínculo já não buscava certeza.
Só compasso.
Um modo de respirar com o outro
sem exigir
mais do que cabe no gesto.

A mão voltou a estender o copo.
Sem pressa.
Sem medo.
Com a medida exata
de quem sabe
que há dias em que o corpo
dói demais para responder.

E isso bastou.

Porque a aliança
não é feita de força,
nem de promessa —
mas de um ritmo comum
entre duas presenças frágeis
que escolheram ficar
mesmo depois da falha.

Agora,
o tempo entre uma palavra e outra
não assusta.
Nem o atraso.
Nem o cansaço no olhar.

Tudo isso cabe.
Tudo isso faz parte
do que se constrói
quando dois aprendem
a não se afastar.

VI

A palavra voltou.
Não como urgência,
nem como chave —
voltou como quem volta para casa
sem fazer alarde.

Veio entre um gesto e outro,
como se sempre estivesse ali,
mas soubesse esperar
o tempo de ser dita
sem ferir.

Foi simples.
Quase comum.
Mas havia nela
um ritmo novo —
livre da cautela rígida,
do medo de romper.

O outro ouviu.
Sorriu um pouco.
Não respondeu com palavra,
mas com presença —
como quem entende
que nem todo dizer precisa de eco.
Só de chão.

E assim, a fala se reabriu.
Devagar.
Sem explicação.
Pelo prazer de caber no espaço
que se tornou possível
entre os dois.

Nada foi celebrado.
Mas a linguagem voltou a viver
como gesto leve
que toca
sem pesar.

VII

Não foi pacto.
Nem promessa.
Foi só o tempo que passou
sem que nenhum dos dois
se retirasse.

E isso bastou
para selar o que havia entre eles:
uma permanência feita de gestos pequenos,
palavras raras
e um silêncio que não pesa.

A dor ainda existia.
Cada um com a sua.
Mas já não era obstáculo —
era chão comum.

Entre os dois,
havia um acordo sem nome:
ninguém cobraria
o que o outro não podia dar.
Mas tudo que fosse dado
seria cuidado.

E assim seguiram.
Dia após dia.
Não por heroísmo.
Mas por escolha.

Um modo de estar com.
Sem moldar.
Sem curar.
Sem exigir.

Só estar.
Com a inteireza de quem
já conheceu o risco —
e decidiu ficar mesmo assim.

VIII

Foi quando o outro hesitou
que o corpo entendeu:
era sua vez de sustentar.

O silêncio que antes esperava
agora se adiantou —
preparando o chão
para que o outro pudesse falhar
sem medo.

Não houve explicação.
Só um gesto a mais,
um copo antes do pedido,
um olhar que desviou a pergunta
antes que ela doesse.

Porque quem já foi amparado
sabe o peso exato
de um gesto no tempo certo.

E assim, a aliança mudou de lado.
Passou a incluir a falha do outro —
sem cobrança,
sem sombra.

Não era mais convivência.
Era sustento.

Um modo de manter o vínculo
quando o outro se recolhe.

Como quem aprende
que amar em silêncio
é também saber
ceder o verbo
para que o outro respire.

IX

Naquele dia,
o outro não veio.

Nenhum aviso.
Nenhuma explicação.
Só a cadeira vazia
e o tempo
guardado no gesto que esperava.

Mas o corpo não se inquietou.
Não houve mágoa.
Só a permanência silenciosa
de quem aprendeu a estar
mesmo quando o outro não pode.

A mão ainda preparou o copo.
A fala, embora não dita,
permaneceu entre as coisas.
E o espaço
não se fechou.

Porque a aliança,
quando é verdadeira,
não depende da presença.
Ela se mantém
no gesto que se repete
mesmo no vazio.

E esse repetir —
sem resposta,
sem demanda —
é o que sustenta o vínculo
quando o outro
não consegue chegar.

INTERSTÍCIO I

O Retiro

O outro não voltou.
E, por um tempo,
isso não doeu.

O corpo seguiu o gesto.
Preparou o espaço.
Acendeu o silêncio
como se ainda houvesse dois.

Mas com os dias,
o que era espera
virou retiro.

E o verbo,
sem direção,
começou a se dobrar
sobre si.

INTERSTÍCIO II

A Fissura

Veio primeiro como sede.
Depois, como falta de som.

O gesto que antes bastava
já não bastava.

O corpo queria dizer mais.
Ou ouvir mais.
Ou só não estar tão dentro de si.

E a palavra,
antes abrigo,
passou a ferir —
por não alcançar
o que faltava.

FOME

I

Não era ausência.
O outro tinha estado ali.
A palavra tinha sido dita.
O gesto tinha vindo
no tempo certo.

Mas algo faltava.

Não no que foi feito —
mas no que ficou por dentro
depois que tudo cessou.

O corpo andava.
Mas com uma sede surda
que nem o silêncio saciava,
nem o verbo alcançava.

Havia um espaço novo —
não entre as pessoas,
mas entre o corpo
e o que ele dizia.

Como se cada palavra
chegasse tarde demais,
ou pouca demais,
ou larga demais
para caber na fome que crescia.

A língua pesava.
A escuta falhava.
E até o gesto mais justo
parecia raso.

O sal, antes firme,
agora feria.
E o verbo,
antes abrigo,
agora ardia
no lugar errado.

II

O corpo tentou repetir
o gesto que antes bastava.
Mas não bastou.

A palavra, que sustentava,
agora caía rasa.
O silêncio,
que antes abrigava,
virou peso.

Foi aí que o corpo buscou outro lugar.
Uma saída.
Uma fresta de sentido
fora do que já conhecia.

Olhou para os objetos.
Nada.
OuvIU as vozes.
Menos ainda.

A fome não era do outro.
Era do verbo certo.
Da presença justa.
Do nome exato
que não vinha.

E quanto mais buscava,
mais perdia o compasso
com o que o mundo oferecia.

Porque não era falta.
Era excesso de desejo
por algo que não existia mais
onde sempre estive.

III

Começou a andar.
Não para chegar —
mas para tentar encontrar
algum lugar
onde o verbo encaixasse.

Passou por rostos,
vozes,
portas conhecidas.

Nada dizia.
Tudo pesava.

O corpo não queria muito.
Só um nome que aquecesse.
Uma frase que coubesse
na falta que carregava.

Mas cada palavra encontrada
soava pronta demais.
Cada gesto oferecido
vinha com forma antiga.

E a fome seguia.

Não por algo exato —
mas por um lugar
onde o dizer
ainda não tivesse sido gasto.

IV

O corpo cansou de procurar.
Mas não soube parar.

Seguia.
Porque a fome,
mesmo sem nome,
seguia também.

Não havia mais rostos.
Nem portas.
Nem verbo.

Só a repetição do passo —
como quem tenta lembrar
qual era mesmo o rumo.

O mundo não respondia.
Mas também não impedia.
Deixava passar.

E esse deixar passar
doía mais
do que qualquer recusa.

A palavra ficou opaca.

Nem falha,

nem viva.

Presente demais
para ser ausência.

Ausente demais
para ser presença.

O corpo parava às vezes.

Mas só por fora.

Dentro, tudo seguia em busca
do nome certo,
do lugar justo,
do gesto que ainda não existia —
mas precisava existir.

E quando enfim tentou calar,

foi aí que doeu mais.

Porque o silêncio,
que antes abrigava,
agora mordia.

V

A fome, agora,
não se voltava mais ao mundo.
Era interna.

Como se tivesse deixado
de esperar gesto,
palavra,
presença —
e começasse a roer o corpo
de dentro para fora.

O que doía
já não era a ausência.
Era o tempo
que a ausência ocupava por dentro.

A respiração falhava sem causa.
O olhar fixava objetos
sem razão.
As mãos esqueciam
o que faziam
no meio do gesto.

E mesmo quando o corpo se movia,
nada tocava de fato.
O mundo passava à margem
da pele.

O verbo, quando vinha,
vinha torto.
Ou repetido.
Ou gasto.

Mas ainda vinha.

Porque a fome
ainda queria nome.
Ainda queria um resto de sentido
que coubesse
no vazio que agora se alargava.

E o silêncio,
antes abrigo,
já era quase sentença.

VI

Não veio resposta.
Nem alívio.
Nem milagre.

Mas algo, por dentro,
cedeu.

Não era paz.
Nem rendição.
Só o corpo
reconhecendo
que não adiantava mais
repetir o gesto antigo
esperando sentido novo.

A palavra continuava vindo —
mas sem rumo.
O som saía
como quem não espera eco.

E ainda assim,
continuava.

Porque mesmo deformada,
mesmo falha,
a linguagem era tudo
que ainda restava
entre o corpo e o mundo.

Foi então que o corpo,
pela primeira vez,
parou de pedir
e apenas falou.

Falou sem esperar.
Sem medir.
Sem moldar.

Falou como quem sangra.

E isso não curou.
Mas mudou o silêncio.

VII

Não veio o nome.
Nem o gesto esperado.
Nem a presença que faltava.

Mas o corpo continuou.
Não por fé.
Nem por força.
Por outra coisa.

Algo mais simples.
Mais bruto.
Como a mão que,
mesmo ferida,
segue moldando o barro.

A fome não passou.
Mas perdeu o susto.
Virou parte do passo.
Do olhar.
Da pausa antes da frase.

O verbo ainda falha.
Mas já não desespera.
Sai do jeito que dá —
e isso basta.

Não há promessa.
Só o ritmo silencioso
de quem segue
com o vazio aceso por dentro —
como cicatriz que não fecha,
mas também
não sangra mais.

VIII

A fome já não pedia.
Só acompanhava.

Estava no jeito de andar,
no tempo entre os gestos,
na pausa longa demais
antes da primeira palavra do dia.

Não era mais angústia.
Era matéria.

Como o sal que fica na pele
depois da água.
Como o calor que sobra
no ferro apagado.

O verbo, agora,
sabia que não bastava —
mas seguia.

Dizia pouco,
mas dizia o que cabia.

E o corpo aprendeu
a viver com menos palavra
e mais escuta.

Porque tudo que era dito
carregava uma sede
que não se podia apagar.

E isso, estranhamente,
sustentava.

IX

Nada foi preenchido.
Nada foi nomeado.

Mas havia, no corpo,
uma decisão silenciosa
de seguir mesmo assim.

O verbo continuava seco.
A boca, às vezes,
abria só por hábito.

Mas ainda havia dizer.
Ainda havia gesto.
Ainda havia um ritmo possível
entre o que faltava
e o que insistia.

Não se tratava de esperança.
Nem de paciência.
Era outra coisa.

Algo como aceitar
que há fome que não passa —
mas também não impede o passo.

A palavra, agora,
não buscava sentido.
Buscava presença.

E isso era tudo
que o corpo podia.
E tudo
que o verbo podia dar.

INTERSTÍCIO I

Resto

A fome passou.
Mas não cessou.

Ficou ali —
como ruído baixo
na base do gesto.

O corpo seguiu,
mas levava um gosto seco
na dobra da boca.

Algo faltava.
Mas já não impedia o passo.
Só o acompanhava.

INTERSTÍCIO II

Fratura Discreta

Não houve quebra.
Mas o verbo
já não voltaria a ser
como antes.

Agora vinha com fresta.
Com falha.
Com intervalo.

Palavras agora têm frestas
por onde escapa o sal.

E mesmo assim,
foi com ele
que o corpo decidiu continuar.

Como quem sabe
que há gestos
que não curam —
mas sustentam.

VIGÍLIA

I. Primeira luz

Veio fraca.
Quase não se via.
Mas o corpo notou
antes do olho.

Não era cura.
Não era volta.
Era só um fio
de claridade antiga
que roçou o chão
sem prometer dia.

Um grilo cantava,
como se soubesse da luz
antes dela chegar.

Não aqueceu.
Não guiou.
Apenas tocou
como quem diz:
estou aqui —
sem pedir resposta.

E o corpo, cansado,
não celebrou.
Mas também não se encolheu.

Ficou ali,
quieto,
como quem aprende
que às vezes,
a luz não vem para mostrar —
vem só para vigiar.

II. Palavra sem exigência

Ela veio
sem peso,
sem pressa,
sem forma de pergunta.

Não queria eco,
nem certeza,
nem lugar no tempo.

Apenas veio.

Como quem passa
a mão na parede
para lembrar
que ainda há contorno.

Não nomeou nada.
Mas esteve ali,
sem agredir o silêncio
que ainda sustentava o chão.

Era só palavra,
sem pretensão de dizer.
Só presença —
como o copo sobre a mesa
depois que a sede cessou.

E o corpo,
pela primeira vez,
não tentou entender.
Só acolheu.
Porque aprendeu
que há verbos
que não querem fazer sentido —
só não querem ir embora.

III. O que vigia

Não é o olho.
Nem o ouvido.
É o corpo inteiro
que vigia.

Não por medo.
Mas por hábito
de quem já perdeu demais
para confiar no acaso.

Não há tensão.
Nem alarme.
Só um estado quieto
de atenção sem alvo.

A respiração ouve.
O joelho escuta.
A pele reconhece
quando algo se move —
mesmo que o verbo não diga.

Vigiar, agora,
não é esperar.
É estar.
Por inteiro.
Por dentro.

Como quem guarda
não o que ama,
mas o que ardeu —
e ainda pulsa,
mesmo calado.

IV. Quando não dói mais

Não foi cura.
Nem milagre.
Só o tempo,
lento como pedra,
deixando a dor sentar.

Ela não saiu.
Mas deixou de arder.
Ficou ali,
como cicatriz
que já não aperta a pele,
mas muda o gesto.

Agora, o corpo respira
sem medo da frase.
A palavra vem
sem precisar contornar
o ponto ferido.

E o silêncio,
que antes pesava,
virou companheiro de passo.

Não há euforia.
Nem fim.
Só a tranquilidade estranha
de quem aprendeu a andar
com o que ficou —
e não deseja
que vá embora.

V. O copo à espera

Ninguém pediu.
Ninguém chegou.
Mas o copo estava ali —
limpo,
cheio,
oferecido.

Não por esperança.
Mas por cuidado.

Um gesto antigo,
preservado mesmo
quando o outro não vem.

Não se trata mais
de partilha imediata.
É ritual silencioso
de permanência.

O copo não clama.
Não ameaça.
Só espera —
como quem sabe
que a ausência também tem sede
e, às vezes,
volta.

VI. Repetir o silêncio

Já não se busca resposta.
Nem se força sentido.
O silêncio, agora,
é repetição voluntária.

Não para se calar,
mas para sustentar o espaço
onde o verbo não cabe.

Cada dia repete o outro —
não por estagnação,
mas por fidelidade ao que ficou.

Como quem rega
uma planta que ainda não brotou.

Repetir o silêncio
é manter a casa aberta
mesmo quando ninguém bate.

É confiar que,
no fundo da escuta,
há algo que não precisa ser dito —
mas precisa de lugar.

VII. O que não se apaga

Algumas palavras
não brilham mais.
Mas também não somem.

Elas ficaram ali —
gravadas no corpo
como a marca do sol
depois de um verão longo.

Não aquecem.
Não ferem.
Mas escurecem
as frases novas.

Tudo que se diz agora
passa por elas —
como o vento atravessa
um campo já queimado.

Não há lamento.
Nem saudade.
Só a certeza de que algo
foi dito fundo demais
para desaparecer.

VIII. Palavra plantada

Dessa vez,
não se diz para convencer.
Nem para explicar.

A palavra é deixada
como semente —
no chão de quem escuta,
sem exigência de flor.

Ela não grita.
Não força.
Não se mostra.

Só permanece,
debaixo da terra,
na umidade discreta
da confiança.

E talvez nunca brote.
Mas isso não impede o gesto.

Porque há dizeres
que nascem
só de terem sido lançados
com respeito
ao tempo do outro.

IX. O corpo que escuta

Agora,
a escuta não mora no ouvido.
Mora na palma,
no dorso,
no modo de sentar.

O corpo inteiro
tornou-se ouvido atento —
não para decifrar,
mas para estar.

Já não se precisa entender tudo.
Nem responder.
Só permanecer poroso
ao que passa.

A escuta virou forma de cuidado.
Forma de fé.
Forma de amar
sem tocar.

E isso basta:
porque o mundo ainda fala —
mesmo quando parece quieto demais
para ser ouvido.

INTERSTÍCIO I

Entre o gesto e o tempo

Havia um espaço
entre levantar a mão
e dizer a palavra.

Um intervalo
onde o corpo hesitava
não por medo —
mas por reverência.

O gesto sabia
que o tempo
também era matéria viva.

E que apressar o verbo
era não escutá-lo inteiro.

INTERSTÍCIO II

A dobra que ficou

Nem tudo se desfez.
Algumas dobras
permaneceram na pele —
como quando se dobra um pano
e ele guarda
o vinco do tempo.

A dor já passou.
O outro já se foi.
Mas a dobra ficou.

Pequena,
mas funda o bastante
para que a linguagem
nunca mais
fosse a mesma.

SEDE

I. Boca seca

Não era silêncio.
Era pedra na boca.

A língua raspava o céu da boca
como enxada cega
no chão duro.

Não havia verbo —
só sal.
Sal acumulado
como poeira grossa
no canto da fala.

A palavra tentava sair,
mas estalava seca,
sem saliva,
sem chance.

O corpo não calava por escolha.
Calava por sede.
Por rachadura.
Por falta de umidade onde antes havia gesto.

II. Copo vazio

O copo estava ali —
de barro,
com a borda rachada.

Não trazia água.
Trazia calor.

A palma que segurava
sabia do peso de quem pede
e não recebe.

Era duro como chão batido.
E no fundo,
um restinho de sal seco
grudado na parede.

O gesto repetia:
pegar, oferecer, esperar.

Mas o vazio ali
tinha densidade de pedra.
Mais firme que qualquer presença.
Mais árido que qualquer ausência.

III. Água lembrada

Lembrar da água
era como lembrar do corpo
antes da lavra.

Havia frescor.
Respiração solta.
Língua viva.

Agora,
é tudo memória áspera
em garganta funda.

O gosto que ficou
não é doce,
nem claro.
É gosto de ferro,
de mina seca,
de palavra que não molha mais.

Mesmo a lembrança arde.
Porque o corpo que já bebeu
sabe a diferença
entre a água
e a promessa.

IV. Falar com sede

Falar com sede
é cuspir pedra.

Cada palavra
sai como caco,
com bordas irregulares
e gosto de coisa velha.

A boca racha.
O som falha.
O ar esquenta antes de sair.

E ainda assim,
fala-se.

Não por querer dizer —
mas porque calar
é ainda mais seco.

Não constrói frase,
Quem fala com sede.
Abre ferida.

V. Grito de dentro

Era grito,
mas sem voz.
Sem ar.
Sem canto.

Só um calor espesso
subindo da barriga
até encostar no céu da boca
como vapor preso.

Não saiu.
Ficou ali,
entupindo as palavras,
entorpecendo o dente,
empedrando o sal.

Grito seco
é como febre de dentro.
Não se ouve.
Mas queima o tempo todo.

VI. Boca que arde

A boca arde
sem fogo.
Só pelo esforço
de continuar aberta.

O calor não vem de fora.
É sal que ferve por dentro
da palavra não dita.

Cada tentativa de falar
é como colocar a língua
numa frigideira esquecida.

Não sangra.
Não grita.
Só consome devagar.

A boca seca não cala.
Ela queima.
E a ardência,
quando se espalha,
faz até o silêncio
parecer barulho demais.

VII. Água que não vem

O corpo já se curvou.
Já esperou.
Já abriu a mão.

Mas a água não veio.

O céu fechou.
O copo esquentou.
E a garganta
virou estrada de pó.

Não há punição.
Só ausência que dura.

Mesmo assim,
o gesto insiste.

A mão ainda se estende,
a boca ainda se prepara,
a palma vira copo
e o céu nega a chuva.
O verbo ainda se alinha —
não porque crê,
mas porque foi feito
para beber
mesmo do nada.

VIII. Sede sem nome

Não era sede de água.
Nem de toque.
Nem de resposta.

Era sede sem nome.
Sem ponto de origem.
Sem mapa.

Ela morava
no osso.
No lugar onde o verbo
não chega mais.

E ainda assim,
pulsava.

A palavra que tentava alcançá-la
ficava no meio do caminho,
seca,
incompleta,
desidratada de sentido.

E o corpo seguia —
não saciado,
mas firme,
como quem aceita carregar
um deserto dentro.

IX. Palavra úmida

Veio sem aviso.

Pequena.

Irregular.

Mas molhou a boca.

Não matou a sede,
mas aliviou a aridez
de um ponto só:
a dobra da língua.

Foi o bastante.

A frase
não era certa.
Nem nova.
Mas veio com gosto.

E o corpo,
depois de tanto calar,
sorveu devagar
como quem não queria
perder o pouco
de um milagre sem nome.

A palavra não salvou.
Mas umedeceu.
E isso,
depois da seca,
é tudo.

INTERSTÍCIO I

Linha de água

Não era nascente.

Nem rio.

Nem chuva.

Era só um traço

fino

escavado na terra dura

por uma gota que não caiu.

A água não veio.

Mas deixou sulco.

E o sulco virou trilha.

E a trilha virou fé.

Não fé no milagre —

mas no gesto que repete a sede.

E o corpo, ao passar,

pisou com cuidado —

como quem respeita

o caminho

mesmo quando está seco.

INTERSTÍCIO II

Boca entreaberta

Não disse.
Nem calou.

A boca ficou entreaberta
como porta que range,
como barro que racha.

Não era gesto de fala.
Era sede em repouso.

Ficar assim
era dizer sem som:
se vier,
eu recebo.

E o vento, ao passar,
não trouxe água —
mas moveu a poeira dentro da boca.

Agora há gosto de ausência.
Mas também de gesto pronto.

FALHA

I. Enxada cega

A lâmina já não fere.
Só arranha.

Desliza sobre a terra
como se pedisse licença
sem ser ouvida.

Antes, o golpe abria.
Agora, repete —
e nada cede.

O som que vem
não é de corte.
É de atrito.
Fino.
Áspero.

A palavra também ficou assim:
cega.
Gasta.
Ainda pesada,
mas sem corte.

II. Braço gasto

Já foi braço firme.
Agora range.

A cada repetição,
o ombro hesita,
o punho escapa,
a linha falha.

Mas o corpo continua.
Não por força,
mas por memória.

É o gesto que segue,
mesmo quando o músculo
já não sustenta o verbo.

III. Sulco torto

Era para ser linha.

Reta.

Funda.

Mas saiu torta.

Curvou antes da hora.

Rasgou demais de um lado.

Ficou raso do outro.

E a palavra escrita ali
também entortou.

Não por erro.

Mas por exaustão do braço
que ainda insiste
mesmo depois da precisão.

IV. Pedra fria

A terra ficou dura.
Mas não era pedra comum.

Era o tipo de pedra
que já conheceu o gesto
e escolheu não abrir mais.

O golpe ressoava seco.
Sem eco.
Sem poeira.
Sem esperança.

O corpo entendeu:
há terrenos
que devolvem o esforço
com silêncio frio.

V. Verbo escorregadio

Antes, o verbo cravava.

Agora escapa.

Foge do dorso da língua
como água em telha quente.

Não finca.

Não entra.

Não dura.

A frase vem inteira —
mas não se encaixa.

O corpo fala,
mas a palavra
não permanece no chão.
Só passa.

VI. Calo mole

O calo, que antes era couraça,
amoleceu.

Ficou liso.
Sensível.
Vulnerável demais ao cabo.

Cada pegada da enxada
agora deixa marca.

E o verbo,
que antes nascia do couro,
agora treme
antes de ser dito.

Porque até a parte dura
cansa.

VII. Terra ingrata

O gesto foi o mesmo.
O tempo foi o mesmo.
Mas a terra,
desta vez,
não devolveu.

Nem cheiro.
Nem som.
Nem fragmento.

Só silêncio grosso,
de solo que já deu tudo
e agora fecha as entranhas.

O verbo foi lançado.
Mas o chão não quis ouvir.

VIII. Ferrugem no punho

Não era dor.
Era travamento.

O punho rodava menos.
Chiava.
Tinha um som
de coisa que foi esquecida na chuva.

E a palavra,
quando vinha,
também vinha assim —
com metal gasto,
com gosto de ferro úmido,
com peso de coisa
que quase se parte ao meio.

IX. Golpe no vazio

O gesto ainda veio.
O braço desceu.
O som saiu.

Mas não havia terra.
Nem pedra.
Nem resistência.

Só ar.
Ar e memória.

O verbo bateu no nada.
E mesmo assim,
fez barulho.

Porque o corpo,
mesmo falho,
ainda acredita
que toda repetição
merece um chão.

INTERSTÍCIO I

Mão trêmula

O gesto veio.
Como sempre.

Mas a mão
não sabia mais
se obedecia ao verbo
ou à memória.

Tremeu.
Não de medo.
De cansaço.

E o que saiu
não foi golpe.
Foi sombra de golpe.

INTERSTÍCIO II

Lâmina lascada

A lâmina cortou.
Mas torta.

Não por escolha.
Por lasca.

Um dente a menos
num ferro que já foi inteiro.

E o verbo,
ao sair,
também veio lascado.

Ficou dito —
mas feriu quem disse.

RITO

I. Primeira cinza

Já não havia fogo.
Mas havia o que sobrou do fogo.

A cinza cobria o chão
como véu de gesto antigo.

Não aquecia.
Não brilhava.
Mas marcava:
aqui houve ardência.

O corpo passou por ela
sem pressa,
sem desvio,
como quem pisa
onde algo já queimou —
e ainda diz.

II. A mão repete

Não há força.
Mas ainda há punho.

A mão se fecha
no vazio do cabo,
como se ainda houvesse
terra a abrir.

O braço já não responde.
Mas o gesto vem.

Sozinho.
Como lembrança muscular
de um verbo que um dia funcionou.

III. Palavra sem altar

Antes, o verbo subia.
Agora, fica.

Não tem mais onde pousar.
Nem para quem subir.

Mas ainda é dito.
Não para alcançar —
mas para firmar presença.

Como quem acende vela
mesmo sem santo.

IV. Gesto sobre gesto

Não se espera colheita.
Nem canto da terra.

Só se repete.

O mesmo sulco.
A mesma curva.
O mesmo passo arrastado
sobre o chão cansado.

Não por ilusão.
Mas por hábito.

O gesto, agora,
é tudo o que ainda resta
entre o corpo
e o esquecimento.

V. Voz no mesmo tom

Não há variação.

Nem ênfase.

Nem desvio.

A fala vem no mesmo tom
de quem repete o nome do pai
sem mais saber o rosto.

Não há canto.

Só som.

O suficiente
para não desaparecer.

— e, no entanto,
um pássaro cruzou o silêncio
com o canto mais breve
que o corpo já esqueceu.

VI. Terra sem testemunha

Ninguém vê.
Ninguém escuta.
Mas o corpo segue.

A enxada,
ainda que cega,
abre o mesmo vazio.

Não por plateia.
Nem por fé.

A terra sem testemunha
também merece gesto.

VII. Palavra como reza

Não se entende mais o que se diz.
Mas se diz.

A palavra virou borda,
ritmo,
batida de dente.

Não há teologia.
Só respiração antiga
que aprendeu a carregar
o peso do som
mesmo sem sentido.

Como quem reza
para não se calar.

VIII. Rito sem fé

A mão se move.
O verbo sai.

Mas não há crença.
Nem promessa.
Só forma.

O gesto virou casco.
A fala, murmúrio.

E o corpo entendeu:
às vezes,
é preciso continuar
mesmo sem acreditar.

A mão insiste
no ar que já não molda,
como quem molda o que não vê
com os dedos da repetição.

IX. O corpo que consagra

Não há mais altar.

Nem livro.

Nem liturgia.

Só o corpo.

Curvado.

Gasto.

Ainda presente.

Cada dobra da pele
carrega o peso do rito.

Não é fé.

É insistência.

E essa insistência,
mesmo sem lume,
ainda consagra.

INTERSTÍCIO I

Rastro de gesto

Ninguém viu.

Mas ficou.

Uma linha fina
no meio do chão batido.

Não era sulco.
Nem trilha.
Era só resto de gesto
feito vezes demais
no mesmo lugar.

E mesmo assim,
era visível.

Como se o corpo,
mesmo sem força,
ainda deixasse assinatura
em silêncio.

INTERSTÍCIO II

Cinza no chão

Não há mais calor.
Mas há memória de calor.

A cinza cobre a terra
como quem vela
o que já queimou
e, mesmo assim,
continua sagrado.

O verbo passou ali.
Ficou só a poeira leve
de quem já foi chama.

E o corpo,
ao ver,
não lamenta —
só assente.

RESTO

I. O que ficou

Não foi o verbo mais forte.
Nem o gesto mais preciso.
Nem a terra mais aberta.

Foi o que ficou.
No chão,
na dobra da pele,
no canto da boca.

Ficou como marca —
leve,
mas funda.

Não por intenção.
Mas por ter sido
tantas vezes
o mesmo.

II. Palavra gasta

Não brilha.

Não canta.

Não convence.

Mas está ali —
feita de borda,
de vinco.

Já não abre caminho.
Mas sustenta o corpo
sobre o que foi dito.

Palavra gasta
não fala.
Firma.

III. Gesto repetido

Já não é escolha.

Nem rito.

Nem procura.

É só o gesto.

Feito no tempo certo,

com o peso exato,

por quem aprendeu

a não esperar retorno.

Repetir

é o que resta

quando tudo já foi tentado.

E mesmo assim,

importa.

IV. Sulco leve

Mal se vê.
Mas existe.

No chão,
uma linha
que não abre mais a terra,
mas ainda indica
por onde se passou.

Quem souber olhar,
vai encontrar.

Quem não souber,
vai pisar
e seguir.

Mas o sulco estará ali —
lembrando sem falar.

V. Calo no verbo

Antes, o calo era no punho.
Agora é na fala.

A boca criou couraça
onde antes havia fresta.

A palavra,
ao sair,
traz a marca de quem falou
demais.
Sem ser ouvido.

Não sangra.
Mas não cede.

É o verbo
com casca.

VI. Terra conhecida

Não cede.

Mas já não assusta.

O corpo sabe onde pisa.

A mão reconhece a curva.

Já não há descoberta.

Mas há chão.

E isso,

depois de tanto risco,

é dom.

VII. Peso de estar

Não é leve.

Nunca foi.

Mas agora,
o corpo não tenta mais voar.

Aceitou o peso
como forma de se manter.

Estar —
não como espera,
mas como ofício.

Um modo de permanecer
sem exigir
que o mundo responda.

VIII. Nada dito

Houve palavras
que não couberam.

Houve dores
que não pediram verso.

Houve gestos
que passaram sem rastro.

Este poema é para isso:
para o que não virou texto.

Ele não diz.
Mas guarda.

IX. Palavra que fica

Ela veio depois.
Depois do rito.
Depois da falha.
Depois do silêncio.

E não disse nada novo.

Mas ficou.

No canto da boca.
Na dobra do tempo.
Na fresta da terra.

Ficou
porque precisava.
Não brilhar.
Não consolar,

— não ouro, não ferida:
apenas o sal
que secou na página.

Só lembrar
que houve um corpo
que tentou dizer.

VESTÍGIO I

Resto no canto

Não virou verso.

Nem gesto.

Nem fala.

Ficou no canto da boca,
como gosto que não passa.

Ali, onde a frase acaba
e o silêncio começa,
permaneceu um som
que não quis se formar.

Não por fraqueza.
Mas por fidelidade
ao que não coube.

VESTÍGIO II

Linha no chão

Alguém passou.
E deixou rastro.

Não se sabe quem.
Nem quando.
Mas o chão guarda.

É uma linha fina,
feita não por vontade —
mas por repetição.

Ninguém a desenhou.
Ela aconteceu.

E isso basta
para que o mundo
não esqueça
que houve passagem.

DEPOSITIO

Não encerro.

Assento.

Como quem larga a enxada
não por cansaço —
mas porque já não há mais o que abrir.

O verbo foi gasto.

A fala, calada.

O gesto, repetido até virar chão.

Não há verso que feche.

Mas há marca.

E essa marca,
mesmo tênue,
ainda pesa.

Deixo aqui.

No centro do campo.

Sem nome.

Sem oferenda.

Apenas deixo.

Como se deixa o sal.

NOTA BIOGRÁFICA

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo Ars Verbi™, dedica-se à publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se *O Legado* (2013), *Clown* (2014), *Cartas para Ninguém* (2017), *Cinza de Bronze* (2020), *Silêncio Alto* (2024) e *Antes que Derrubem* (2025). Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

COLOPHON

*Hic liber in silentio exaratus est,
verbis e terra effossis,
gestu salitis,
in corpore firmatis.*

*Non certum est tempus.
Non locus notatur.*

Sed sulcus remanet.

*Nam non scriptus est hic liber —
sed relictus,
sicut sal relinquitur:
ut maneat quod putrescit,
et urat quod permanet.*

.tradução

Este livro foi lavrado no silêncio,
palavras arrancadas da terra,
salgadas no gesto,
cravadas no corpo.

Não há tempo certo.
Nenhum lugar marcado.

Mas o sulco ficou.

Porque este livro não foi escrito —
foi deixado,
como se deixa o sal:
para durar o que apodrece
e queimar o que permanece.

